



UFRJ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



FACULDADE DE LETRAS

GRADUAÇÃO EM LETRAS/LITERATURAS

CATERINE AZEVEDO DE CASTRO ESPINHEIRA

A DESCOBERTA DE CLARICE: UMA ANÁLISE DA CRONISTA ATEMPORAL

RIO DE JANEIRO

2022

CATERINE AZEVEDO DE CASTRO ESPINHEIRA

A DESCOBERTA DE CLARICE: UMA ANÁLISE DA CRONISTA ATEMPORAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Crelia Penha Dias

RIO DE JANEIRO
2022

Dedico este trabalho a minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela grande oportunidade de ter estudado na UFRJ algo que eu gosto e por ter me mantido firme ao longo da minha formação acadêmica.

Aos meus pais, Alessanda e Elias que sempre me apoiaram e confiaram no meu potencial, me dando suporte para que conseguisse realizar os meus objetivos e que desde a infância estiveram ao meu lado mostrando a importância da educação. Minha mãe, como professora, me incentivou a ser sempre melhor e acreditar que com determinação e empenho posso conseguir o que desejo. Meu pai me fez perceber que a perseverança e a autoconfiança podem me levar longe.

À minha avó Suely, por sempre ter estado ao meu lado ao longo de toda a minha jornada escolar e universitária.

Ao meu namorado, Breno, que com muito zelo esteve comigo ao longo da caminhada, me apoiando e transmitindo calma e resiliência ao longo do processo.

Aos meus amigos, principalmente Hosana, Rita e Miguel, que fizeram com que a minha jornada fosse muito mais divertida e prazerosa. Os bate-papos e risadas pelos corredores faziam a rotina ficar bem mais leve.

Aos professores que contribuíram muito para a minha formação, em especial, a minha orientadora Ana Crelia, que sempre foi muito gentil, paciente e me ajudou a dar grandes passos na universidade.

Por último, mas não menos importante, a UFRJ, instituição de excelência que me possibilitou a realização de um sonho.

*“Eu quero ser tudo que sou capaz de me tornar.”
(Katherine Mansfield)*

*“... quente, ansioso, viver a vida - para aprender,
querer saber, sentir, pensar, agir. É o que eu quero. E
nada mais.” (Katherine Mansfield)*

RESUMO

O presente trabalho evidencia apontamentos acerca das crônicas de Clarice Lispector, presentes no livro *A descoberta do mundo*. A partir da vastidão de gêneros explorados no espaço que seria dedicado à crônica, ao longo dos sete anos de publicação no Jornal do Brasil, foi possível realizar uma análise diante dos seguintes recortes temáticos: Clarice e o ato de escrever, o entrelace da obra na vida da autora e a escritora e suas singularidade. Portanto, o objetivo deste trabalho é fazer um percurso sobre alguns caminhos de Clarice no gênero crônica enquanto escritora do Jornal do Brasil.

Palavras-chaves: Clarice Lispector; crônica; Jornal do Brasil.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução | 9 |
| 2. Clarice e o ato de escrever | 12 |
| 3. O entrelace entre a escrita e a vida da autora | 17 |
| 4. Clarice e suas singularidades | 21 |
| 5. Considerações finais | 24 |

INTRODUÇÃO

A crônica é considerada um gênero textual fugaz, de leitura rápida, que apesar de muito popular é conhecido por ser um gênero menor. Situada entre a literatura e o jornal, nela encontram-se situações banais e reflexões do dia a dia, por exemplo. Candido (1992) afirmou que ela não foi criada para ir para os livros, mas sim para ser uma publicação efêmera, em que um dia se lê e no outro se reaproveita para embalagens. Porém, ele também acrescentou, que é essa maneira “descartável” de lidar com a crônica, que a faz tão próxima do leitor. Machado de Assis (2013) disse que a crônica começa com uma trivialidade, com um simples “Que calor!”. Pode-se então afirmar que a crônica surge de algo simples, podendo se alongar ou não. Mário Quintana (2005) chega a achar semelhanças entre a poesia e a crônica, “Talvez a poesia não passe de um gênero de crônica apenas: uma espécie de crônica da eternidade.” Nota-se uma comparação entre a maneira em que há a presença do dia a dia na crônica, com a forma que o cotidiano aparece na poesia, como se a poesia fizesse parte da rotina, na visão de Quintana. João do Rio, considerado o pioneiro da crônica-reportagem afirma que a crônica é “espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro”. Isto é, a partir da crônica pode-se captar muitos momentos referentes a tempos passados, relacionados a costumes e hábitos, por exemplo.

Despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro. No entanto, apesar de aparentemente fácil quanto aos temas e à linguagem coloquial, é difícil de definir como tantas coisas simples. (ARRIGUCCI, 2021)

Apesar de muito acessível e de fácil leitura, a definição da crônica, ainda que pareça objetiva, é bem ampla. O termo “crônica” vem da palavra grega “khrónos”, que tem como significado “tempo”. Dessa forma, nota-se uma relação direta com a ideia do gênero textual em questão, a partir do momento que por meio de tal texto pode-se encontrar ideias que refletem a realidade de determinada época. Assim, é capaz de observar como a crônica possui uma temática vasta e mutável. Destaca-se também, que no latim, era utilizada a palavra “chronica” em referência a um gênero que era formado por acontecimentos históricos, verídicos em uma sequência. A partir de estudos, pode-se concluir que a crônica é um gênero textual que possivelmente existe desde a Idade Antiga e então vem se transformando ao longo do tempo (Amaral, 2008).

Porém, foi a partir do século XIX, com o advento da imprensa e com transformações sociais ligadas à valorização histórica social, que a crônica se consolidou. O que começou como um registro de fatos históricos, também passou a registrar os costumes, a política e a vida social, sendo os textos publicados em jornais e revistas. Algumas crônicas tinham um viés mais literário, outras mais jornalísticas, a partir de um ponto de vista mais pessoal do autor. Com isso, pode-se afirmar que um dos objetivos principais da crônica é trazer de uma forma singular os instantes do cotidiano e despertar no leitor o interesse em ler experiências similares com as deles (Amaral, 2008).

Uma das grandes cronistas do Brasil foi Clarice Lispector, além de romancista e contista, Clarice publicou em jornal por anos, escreveu para a *Revista Manchete* e logo em seguida para o *Jornal do Brasil* (1967- 1973). Embora a autora tenha começado a realizar esse tipo de trabalho jornalístico por questões financeiras, acabou por conquistar um público variado que esperavam por suas crônicas. (GOTLIB, 1995,p. 374).

Os textos publicados no JB estão reunidos no livro *A descoberta do mundo*. Com uma escrita existencial e peculiar, Lispector tratava de diversos temas em suas crônicas. Como o próprio título sugere, os textos que compõem a obra trazem um efeito de como quem descobre algo pela primeira vez e de que a partir da escrita pode-se alcançar mais que o que está ao redor, e sim, o mundo. “A escritora Clarice volta-se para questões essenciais - mistérios por desvendar como o tempo, a individualidade, o amor, a existência humana e volta-se, também, para si mesma.” (GENTIL e SOARES, 2020). Todo o sábado entre os anos de 1967 e 1973 passou a ser publicado um olhar clariciano do cotidiano, repleto de subjetividade e com um toque de autobiografia. A escritora tratava de diversos tópicos, por exemplo: sua família, lugares por onde passou e por onde passava, arte, escrita, cidades, suas empregadas, seu passado e a literatura.

A obra traz momentos tocantes relacionados a memórias de infância em Recife, encontros e desencontros com amigos, relações familiares, livros e filmes de que gostava e, também, figuras que a marcaram, como a empregada Aninha. Mas em nenhum texto ela se limita ao factual. (FUKELMAN, 1984)

Diante da independência estética da crônica, Clarice insere ao cotidiano novas interpretações, ainda que com alguns textos herméticos, ela dá tom ao fato corriqueiro, dá uma interpretação não-convencional. (PINHEIRO, 2019)

Quanto ao trabalho da autora, no Jornal do Brasil, Alberto Dines afirmou: “A verdade é que nunca editei Clarice Lispector – nenhum colunista era de fato “editado” no Jornal do Brasil”. (NEIVA, 2009) A partir disso, é possível afirmar que de fato a escritora teve um espaço livre no Caderno B do Jornal mostrando-se não só como cronista, mas também como ser humano.

2. CLARICE E O ATO DE ESCREVER

A maneira como Clarice ocupou o lugar de cronista é muito significativa, já que propôs ao leitor indagações sobre o que estava a sua volta. Reflexões com tom pessoal, trechos de seus próprios romances, entrevistas e críticas sociais foram algumas das formas que Clarice fez com que sua escrita fosse reconhecida em um veículo de grande circulação, que era o jornal na época. De acordo com Georges Didi-Huberman (2021), a maneira com que as crônicas de Clarice são escritas formam pequenos surtos de intensidade. “Eu sou sim. Eu sou não. Aguardo com paciência a harmonia dos contrários. Serei um eu, o que significa também vós.” (LISPECTOR, 1969,p. 286).

De fato, a autora dá outro sentido ao gênero, com textos instigantes que se aproximam do leitor e fazem com que não seja apenas algo efêmero do jornal, mas sim instantes íntimos e verdadeiros com quem se propõe a leitura. Pode-se afirmar que as crônicas de Lispector firmam-se então como um gênero complexo, condizente à rapidez do presente, que ao mesmo tempo que expressa sua visão pessoal, exprime o espírito do seu tempo, que se conecta com a literatura já que é veiculada por meio de jornais e revistas (Coutinho, 2006). “Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever” (LISPECTOR, 1991, p.21). É interessante notar que a autora costuma atrelar sua vida ao escrever, como se fosse inato a seu ser, e que é a partir disso que ela reflete sobre o seu redor e sobre si mesma. Em uma de suas crônicas ela relata como se sente no processo de escrever.

Exercício

É curiosa esta experiência de escrever mais leve e para muitos, eu que escrevia “muitas coisas” para poucos. Está sendo agradável a sensação. Aliás, tenho me convivido muito ultimamente e descobri com surpresa que sou suportável, às vezes até agradável de ser.

Bem. Nem sempre. (LISPECTOR, 1971, p. 476)

Ao longo de sua trajetória como jornalista, Clarice passou por alguns conflitos internos relacionados à vida privada. Nos seus romances ou contos ela permanecia “anônima”, mais discreta, entretanto, nas suas crônicas ela acabava por falar um pouco de si mesma e isso a incomodava de certo modo.

Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco a minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa

parte minha. Acho que se escrever sobre a superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal.”

Mais uma vez, a partir desse trabalho em jornal, Clarice chega a indagações a respeito da sua identidade.(GOTLIB, 1995,p. 374)

Com isso, algumas de suas crônicas refletiam um pouco desse sentimento. Além disso, também é possível encontrar textos em que Clarice discute sobre o próprio ato de escrever e sobre a sua função como cronista.

Ser cronista

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender.

Crônica é um relato? É uma conversa?É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois eu só tinha escrito romances e contos. (...)

Não é que me desagrada mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isto é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? (...) Vou dizer a verdade: não estou contente e acho que vou ter uma conversa com Rubem Braga porque sozinha não consegui entender. (LISPECTOR, 1968, P.140)

É relevante perceber que Lispector coloca todas as suas aflições à mostra, na tentativa de achar uma solução. Outro ponto, é a maneira com que essa nova função a incomoda, embora já tenha sido reconhecida como uma escritora renomada. Ainda assim, ela escreve sobre a sua insegurança em estar de acordo com a forma do gênero, por exemplo. Querendo ou não, ela passa para o leitor o que está sentindo. Na crônica “Como é que se escreve?” (p. 199) ela reafirma: “E ainda não me habituei a que me chamem de escritora. Porque, fora das horas em que escrevo, não sei absolutamente escrever. (...) Só me considerarei escritora no dia em que eu disser: sei como se escreve.” Utilizar a crônica para refletir sobre a função do

cronista são reflexões que vêm desde Machado de Assis. (NEIVA,2009) Talvez por ser um gênero com autonomia estética podendo englobar diversos temas, cause uma certa confusão na autora sobre qual viés adotar.

A escritora, no seu papel de cronista, usou do mesmo livre-arbítrio que é característico de sua obra literária. Ele não se prendeu a conceitos de forma, conteúdo ou gênero, mas, simplesmente, teve a coragem de imprimir na sua coluna do JB um estilo pessoal e introspectivo, que é a marca da sua escrita. (NEIVA,2009)

Em duas outras crônicas ela compara o ato de escrever a um tormento, ao mesmo tempo que algo bom. Uma mistura de sensações que levam o leitor a refletir acerca da função escrita.

Ainda sem resposta

Não sei mais escrever, perdi o jeito. Mas já vi muita coisa no mundo. Uma delas, e não menos dolorosas, é ter visto bocas se abrirem para dizer ou talvez balbuciar, e simplesmente não conseguirem. (...) Não sei mais escrever, porém o fato literário tornou-se aos poucos tão desimportante pra mim que não saber escrever talvez seja exatamente o que me salvará da literatura.

O que é que se tornou mais importante para mim? No entanto, o que quer que seja, é através da literatura que poderá talvez se manifestar. (LISPECTOR, 1968, P. 139)

Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. (...)

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro e outro, podem-se passar anos. (LISPECTOR, 1968, P.169)

Nota-se que dessa maneira a autora expande um anseio a seus leitores, que juntos são instigados a sentir também. Ela compartilha suas inseguranças, utilizando um paradoxo para explicar o que é o ato de escrever, “salvação” e “maldição” ao mesmo tempo. Tal forma de se expressar revela um conflito interno sobre sua própria profissão. A autora também reclama de uma possível falta de inspiração e da dificuldade que é externar, ao mesmo tempo que consegue deixar extremamente claro o que a atordoa. Isso se dá, talvez, por ter que dar conta de um gênero leve, efêmero e factual, características opostas a seus romances e contos. (FERRAZ, 2021)

Ao longo dos anos publicando no jornal do Brasil, Lispector explicitou diversos pensamentos, muitos de viés pessoal, autobiográfico, outras temáticas já mencionadas e sempre acerca do ato de escrever em si.

A autora, ao mesmo tempo em que tenta extrair da linguagem toda a sua potencialidade, esculpindo forma/conteúdo em busca das soluções para seus enigmas, reflete sobre o seu próprio fazer literário. É a palavra questionando a palavra, a criação literária esmiuçando-se, o texto em metalinguagem. (GENTIL e SOARES, 2020)

Clarice sempre teve uma grande preocupação em relação a sua escrita. Escrever fazia com que ela refletisse o próprio ato. “Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve...” (LISPECTOR, 1968, p.199). “Em algum momento deve estar havendo um erro: é que ao escrever, por mais que me expresse, tenho a sensação de nunca ter-me expressado...” (LISPECTOR, 1969, p. 327) “Às vezes tenho a impressão de que escrevo por simples curiosidade intensa.” (LISPECTOR, 1969, p.328) “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra...” (LISPECTOR, 1971, p. 499) “Escrever é tantas vezes lembrar do que não existiu...” (LISPECTOR, 1971, p. 499). Todos os trechos citados foram encontrados em algumas de suas crônicas e confirmam a ideia de que devido a falta moldes e regras no gênero crônica, Lispector muitas vezes se indagou sobre como escrever, no entanto, foi dessa forma que mostrou-se ainda mais como cronista, escritora e ser humano ao público leitor. (NEIVA, 2009)

Clarice parecia não estar segura no papel de cronista. A crônica não tem receita de bolo, o escritor só faz. Talvez por ser uma ficcionista, ela achava que a crônica fosse subalterna em comparação com os romances e contos, fora o desconforto em ter que escrever no prazo em troca de dinheiro, como afirma Cora Rónai no Podcast organizado pela editora Rocco, em homenagem aos 100 anos de Lispector.

Portanto, nota-se como a incerteza de estar ou não de acordo com o formato do texto fez com que a autora se sentisse na eterna dúvida de como escrever. Apesar de possuir uma escrita atraente, fascinando leitores desde antes da coluna, ela dizia não se considerar uma intelectual, como aponta em uma de suas crônicas “Outra coisa que não parece ser entendida pelos outros é quando me chamam de intelectual e digo que não sou.” (LISPECTOR, 1968, p.189) . Na verdade, Lispector tinha uma relação de amor e raiva com o ato de escrever, ainda mais nas circunstâncias em que escrevia para o JB, semanalmente, sem muito espaço para descanso da mente.

3. O ENTRELAÇE ENTRE A ESCRITA E A VIDA DA AUTORA

Como já dito, Clarice foi contratada pelo Jornal do Brasil para publicar uma crônica todo sábado. A partir disso, por ter uma constância intensa, a autora acabou falando muito de si, seja na vida profissional ou na pessoal. É importante destacar que isso não acontece de forma indiscriminada, já que a autora chega a ter receio de se expor demais, diferente de como fazia nos romances. O real de Clarice aparece nas nuances do seu cotidiano, que levam os leitores a uma reflexão maior de seu próprio dia a dia. A autora utiliza seu espaço e voz para pensar sobre a vida e a sociedade, assim como seu passado e presente. (PINHEIRO, 2019).

Subvertendo o gênero, mas utilizando de seu próprio destaque com maestria, em fevereiro de 1968, a autora escreve uma carta ao ministro da educação, com críticas a seu mandato, em forma de protesto.

Senhor ministro ou senhor presidente: “excedentes” num país que ainda está em construção?! e que precisa com urgência de homens e mulheres que o construam? Só deixar entrar nas faculdades os que tirarem melhores notas é fugir completamente ao problema. O senhor já foi estudante e sabe que nem sempre os alunos que tiraram as melhores notas terminam sendo os melhores profissionais(...)
(LISPECTOR, 1968, p. 90 e 91)

Outra forma de expor seus pensamentos acerca da realidade e denunciar de certa maneira um problema social que assolava a sociedade foi inserir a questão problemática dentro da crônica, como desigualdades sociais ou descasos governamentais. Em “As crianças chatas” a autora faz um recorte de uma dura realidade que muitas pessoas passam: a fome. “O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela insiste com doçura: dorme.” (LISPECTOR, 1967, p. 21). Em “Você é um número” a autora condena a falta de humanidade do sistema em se referir às pessoas como números, sem se importar de fato com cada indivíduo. “Se você não tomar cuidado vira um número até para si mesmo. Porque a partir do instante em que você nasce classificam-no com um número.”(LISPECTOR, 1971, p. 472).

Além de ser possível notar seus valores políticos, em suas crônicas também foi possível observar sua obsessão pela figura de Deus. Títulos como “Ele seria alegre”, “A humildade de São José”, “Perdoando Deus”, “Hoje nasce um menino” contém um toque único de fé em forma de narrativa. Uma vez, ela chegou a publicar o Salmo de Davi nº4 na

coluna de crônicas, tudo indica que por falta de tempo para criar algo novo. No entanto, tal escolha não parece em vão. O texto consiste em uma súplica de auxílio divino, que se deu em meio a uma aflição. Não se pode afirmar se há relação pessoal, porém fica claro que a autora possui uma crença forte, já que ela chega a confessar uma vez que, na crônica, o “eu” não consegue escapar (GOTLIB, 1998, p. 375).

É de extrema importância mencionar também que Clarice não deixou de falar sobre sua ficção. Em uma de suas crônicas fala sobre o seu processo de escrita, dando detalhes de como seu deu a criação de algumas obras.

Não é fácil lembrar-me de como e por que escrevi um conto ou um romance. Depois que se desapegam de mim, também eu os estranho. Não se trata de transe, mas a concentração no escrever parece tirar a consciência do que não tenha sido o escrever propriamente dito. Alguma coisa, porém, posso tentar reconstituir, se é que importa, e se responde ao que me foi perguntado.

De “Devaneio e embriaguez duma rapariga” sei que me diverti tanto que foi mesmo um prazer escrever.(...)

De “Os laços de família” não gravei nada. (...)

“Preciosidade” é um pouco irritante, terminei antipatizando com a menina, e depois, pedindo-lhe desculpas por antipatizar (...)
(LISPECTOR, 1969, p. 306 - 308)

Como uma espécie de diário da ficção, Lispector detalha como desenvolvia suas obras, matando as possíveis curiosidades do leitor. A autora, “embora afirme não ser esta a sua intenção, insere também um passado seu, inclusive literário, através de seus textos diversos que já produziu e publicou anteriormente: contos, crônicas, capítulos ou trechos de romances.” (GOTLIB, 1998, p.375)

Ademais, ela não deixou de incluir uma espécie de novela, com continuação, no próprio jornal, mais uma vez deixando o gênero crônica totalmente versátil. A autora escreveu novelas com continuação, como “A princesa”, “Travessuras de uma menina”, “Alceu Amoroso Lima”, “Conversa meio a sério com Tom Jobim” entre outras.

Outra temática que ela menciona em sua coluna são as empregadas. É um momento em que ela evidencia o outro, uma alteridade pra vida dela, pois com as empregadas ela se aconselhava, ela sentia uma sabedoria, a tolice dos sábios, como apontou Yudith Rosenbaum no Podcast Meu Inconsciente Coletivo, episódio Clarice Lispector e a nudez absoluta. “Das doçuras de Deus”, “De outras doçuras de Deus”, “A mineira calada” p.55, por exemplo, a autora fala de sua empregada Aninha. Em “Por detrás da devoção”, Lispector fala sobre

outras quatro empregadas: Jandira, a cozinheira vidente, a argentina que a bajulava e uma que foi com Clarice para os Estados Unidos e lá permaneceu depois que esta voltou para o Brasil.

“Por falar em empregadas, em relação às quais sempre me senti culpada e exploradora, piorei muito depois que assisti à peça *As Criadas*, dirigida pelo ótimo Martim Gonçalves. Fiquei toda alterada. Vi como as empregadas se sentem por dentro, vi como a devoção que às vezes recebemos delas é cheia de ódio mortal. (...)

Tive uma empregada argentina que era assim. Pseudamente me adorava. (...) E quando eu lhe pedia um favor, respondia: “Como não! Usted vai ver o que vale uma argentina! Faço tudo o que a senhora pede.” (LISPECTOR, 1967, p. 58)

Outro ponto que vale destacar é a relação complexa de empregada/patrão que se evidenciava na década de 1980, quando era muito comum que as empregadas domésticas dormissem nas casas de seus patrões, inclusive as construções da época contavam com a “dependência de empregada”, que em uma estrutura bem pequena, reproduz a casa grande e a senzala (LIMA, 2020, p.6). Tal reflexão parecia ressoar de alguma forma em Clarice, visto que essa temática aparece em outras obras da autora, como no romance *A paixão segundo G.H.*

Um dos temas que mais aparece em suas crônicas é a reflexão sobre a existência. Não necessariamente os textos tratam apenas disso, mas na maioria deles é possível identificar um toque de raciocínio existencial. “Se há algo que caracteriza a literatura de Clarice Lispector é a minuciosa observação do minuto até a espera de uma realização epifânica dos fatos.” (TERRAZAS, 2015 , p.213)

Lispector parece refletir muito sobre a vida. Percebe-se que ao mesmo tempo que amava viver, sua vivência ou o que pensava sobre tal, não parecia tão otimista. A angústia e o medo da liberdade permeiam sutilmente sobre algumas de suas crônicas “Agora eu conheço esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar vida.” (LISPECTOR, 1969, p. 262). “Ele teve a sensação de ser. Não poderia explicar tão profundo, nítido e largo que era. (LISPECTOR, 1971, p.471) “Estou sentindo uma clareza tão grande que me anula como pessoa atual e comum: é uma lucidez vazia, como explicar?” (LISPECTOR, 1972, p. 520) “E tanto sofrimento por estar, às vezes sem nem saber, à cata de prazeres.” (LISPECTOR, 1972, p. 521) “Ter nascido me estragou a saúde.” (LISPECTOR,

1972, p. 526) “O processo de viver é feito de erros - a maioria essenciais - de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada (...)” (LISPECTOR, 1973, p.575). Todos são trechos presentes em suas crônicas, que revelam a incerteza do futuro e um certo medo de se libertar do nada, apesar da total consciência de que já se está livre. Segundo Sartre (1989), um dos principais motivos da criação artística é certamente a necessidade de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo, talvez Clarice tenha se encontrado dessa forma.

Em outra crônica ela busca a definição de angústia.

“(...) Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não se confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia - e a fuga é outra angústia. Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai. (LISPECTOR,1972, p. 563)

“Em Clarice Lispector o trabalho com a linguagem é levado ao indizível, a etapas que transcendem a expressão verbal.”(ALONSO, 2011) A autora consegue abranger algo que não tem ligação com confissões pessoais, e sim um pensamento das emoções, um saber não convencional - nem psicologia, nem sociologia - que se funda em uma forma de escrita com o objetivo de mover o pensamento (DIDI-HUBERMAN, 2021).

Pode-se afirmar então que Clarice conquistou um público vasto e variado, a partir de seus fragmentos soltos, somados a coluna e que tinham esse traço de “soltura”, além da variedade de temas. (GOTLIB, 1998, p.374)

4. CLARICE E SUAS SINGULARIDADES

Como já mencionado, Clarice se deixa escapar em suas crônicas por diversos momentos. Com uma obra muito ampla, a autora escreve o que sente e o que percebe, como uma eterna busca por si própria. Para ela, “mesmo aquilo que é pequeno, insignificante ou vil, pode ser objeto de uma visão penetrante que se estende além da aparência” (NUNES, 1966, p.56). Recortes da vida, pequenos gestos ou ideias momentâneas tornam-se gigantes nas mãos de Clarice, que com esmero descreve o que sente e o que percebe. Em algumas de suas crônicas a autora fala sobre a família e traz memórias corriqueiras, mas repletas de significados. “Não existe qualidade ou sensação tão despojadas que não estejam impregnadas de significação.” (SARTRE, 1989)

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda, ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas meu coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Vestíamos de pressa e saímos em jejum.

Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

(LISPECTOR, 1969, p.213)

Um banho de mar em família se desenha como um grande evento, narrado cuidadosamente, ampliando seu significado, já que é escrito muito mais do que um fato, e sim um sentimento, uma lembrança boa que ficou pra sempre de recordação. Os textos de Clarice são repletos de significação, e ainda que o assunto da crônica pareça ser comum, ela consegue inserir uma essência profunda no tópico em questão.

(...) a pressa de viver desenvolve no cronista a sensibilidade especial, que o predispõe a captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar. Sua tarefa, então, consiste em ser o nosso porta-voz, o intérprete aparelhado para nos devolver aquilo que a realidade não-gratificante sufocou: a consciência de que o lirismo no mundo de hoje não pode ser a simples expressão de uma dor-de-cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão. (SÁ, 1987, p. 12)

Desse modo, Clarice capta o que a interessa e converte em crônica. É relevante ressaltar que não é qualquer assunto que vira texto, mas sim o que é “capaz de reunir em si mesmo o disperso conteúdo humano”, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: “ensinar, comover e deleitar.” (SÁ, 1987, p.22) No entanto, na vastidão que é Lispector, a função com o seu texto é muito mais do que o mencionado, ela acessa o eu do leitor, de maneira sutil e faz com que ele próprio perceba as coisas de uma forma diferente depois da leitura do texto. Em outras crônicas, como “Restos de Carnaval”, “Cem anos de perdão”, “Medo da eternidade”, “As grandes punições”, a escritora revela lembranças de sua infância sempre tendo Recife como pano de fundo.

Outro ponto interessante que Lispector abordou em suas crônicas foram suas viagens. Um de seus textos inicia-se com um diálogo entre ela e Rubem Braga, em que Clarice pede conselhos ao autor sobre como contar menos de sua vida na coluna e por fim, acaba por aceitar a exposição.

Nota: um dia telefonei para Rubem Braga, o criador da crônica, e disse-lhe desesperada: “Rubem, não sou cronista, e o que escrevo está se tornando excessivamente pessoal. O que é que eu faço?” Ele disse: “É impossível na crônica deixar de ser pessoal.” Mas eu não quero contar minha vida para ninguém: minha vida é rica em experiências e emoções vivas, mas não pretendo jamais publicar uma autobiografia. Mas aí vão minhas recordações de viagem por mar.

Fiz na minha vida várias viagens para o mar. À medida que eu for escrevendo vou me lembrando delas. (...) (LISPECTOR, 1971, p. 499)

“Viagem de trem”, “Falando em viagens”, “Estive na Groenlândia...”, “Estive em Bolama, África”, “As pontes de Londres” são exemplos de textos em que a autora disserta sobre suas experiências.

Clarice também deixou transparecer em sua coluna um momento difícil em sua vida, quando se queimou em um incêndio. A partir de tal situação, ela reflete sobre seus novos passos do tratamento e a metáfora da vida.

“Tenho lidado com problemas de enxerto de pele, fiquei sabendo que um banco de doação de pele não é viável, pois esta, sendo alheia, não adere muito tempo a pele do enxertado. Esse caso me fez devanear um pouco sobre o número de outros em que a própria pessoa tem que doar a si própria.” (LISPECTOR, 1970, p. 392)

Todas as crônicas de Clarice carregam grande significação, como já dito. No entanto, uma em específico, a autora faz uma reflexão muito completa do eu, perpassando pela infância, pelo presente e por sua função como cronista.

“Tenho certeza de que no berço minha primeira vontade foi a de pertencer. (...) Quem sabe se comecei a escrever tão cedo na vida, porque escrevendo, pelo menos eu pertencia um pouco a mim mesma. O que é um fac-símile triste.

Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. É uma espécie toda nova da “solidão de não pertencer” começou a me invadir como heras num muro. (...)

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

No entanto, fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença.(...) E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado.

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. (LISPECTOR, 1968, p. 137)

Segundo Sartre (1989), a leitura é um pacto de generosidade entre o leitor e o autor, e é o que se pode perceber quando se faz a leitura de tal texto. Por meio das palavras Clarice externaliza tudo que está guardado em si. Sua busca por pertencimento toca cada leitor de uma forma única. Maya Angelou uma vez afirmou que uma pessoa só é livre quando percebe que não pertence a lugar nenhum, e sim quando pertence a todos os lugares. Portanto, assim como Clarice escreve na crônica, “pertencer é viver” e é no pertencimento que se encontra a liberdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise proposta, conclui-se que a cada texto há uma espécie de epifania, que de acordo com Benedito Nunes (1989), consiste em uma experiência que muda radicalmente o indivíduo, correspondendo a uma nova maneira de enxergar o mundo. Clarice dá uma nova forma ao gênero crônica, perpetuando sua contribuição. Sartre(1989) afirma que escrever é ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor, é recorrer à consciência do outro para se reconhecer como essencial. Pode-se afirmar que foi isso que Lispector fez ao longo dos anos, em toda a sua trajetória. Os textos publicados ao longo de sete anos no Jornal do Brasil podem ser considerados um extenso “diário” de Clarice (GOTLIB, 1995).

Ao longo dos recortes temáticos referentes à obra da autora no presente trabalho foi possível perceber não só sua versatilidade na escrita, como também suas estratégias para todo sábado ter o que publicar na coluna. Ainda que a crônica, até hoje, não tenha grandes teorias acerca, cabendo a cada cronista criar um formato próprio, a partir do que já foi escrito, a autora soube desenvolver muito bem seu papel, apesar dela mesma não acreditar.

Portanto, pode-se afirmar que Clarice foi revolucionária ao longo de seu percurso como escritora. “É preciso a angústia de ser um caos para dali gerar uma estrela.” (Nietzsche) De fato, Lispector foi um caos e gerou muitas estrelas. Com uma série de conflitos internos, que escapam em suas crônicas, a autora foi capaz de trabalhar a respeito de diversos temas, acessando o leitor de uma forma única. Apesar de já ser conhecida quando começou a coluna, em 1967, Clarice iniciou uma nova jornada, deu vida aos sábados e renasceu junto ao novo desafio, propiciando ao leitor e a si mesma uma nova descoberta.

BIBLIOGRAFIA:

A descoberta do mundo - crônicas que devoram a resignação. Entrevistada: Cora Rónai. Entrevistador: Soares Júnior. Rocco, junho, 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/57alSS2tsCBjXzCbB4RoDI>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

AMARAL, Heloisa. Questão de gênero: O gênero textual crônica. **Na ponta do lápis**, Rio de Janeiro, v. IV, n.10, p.12-13, 2008. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1235/questao-de-genero-o-genero-textual-cronica>. Acesso em: 02 de março de 2022.

ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos sobre a crônica. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/artes-da-cronica/15103/fragmentos-sobre-a-cronica>. Acesso em: 2 de julho de 2022.

CANDIDO, Antonio. “**A vida ao rés do chão**”, in: *Para gostar de ler – Crônicas 5*. São Paulo: Ática, 1981.

Clarice Lispector e a nudez absoluta. Entrevistada: Yudith Rosenbaum. Entrevistadora: Tati Bernardi. Folha de S. Paulo, abril, 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5aEyYXoZhBC8vXLt3ZKMSO>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

Congresso Internacional da ABRALIC Centro, Centros – Ética, Estética, XII, 2011, Brasil. ALONSO, Mariângela. **No limiar da existência: rosas e angústia na poética de Clarice Lispector**. Curitiba. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0213-1.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

Coutinho, E. (2006): **A crônica de Rubem Braga: os tópicos em palimpsesto**. Em: *Signótica*, vol.18, n.1, pp. 43-57.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector**. Minas Gerais: Editora Relicário, 2021.

FERRAZ, Eucanaã. Uma literatura sem literatura. **Quatro cinco um**, São Paulo, v.21, abril, 2019. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura/uma-literatura-sem-literatura>. Acesso em: 8 de abril de 2022.

FUKELMAN, Clarisse. A descoberta do mundo. IMS - acervo crônica, 1984. Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/livro/a-descoberta-do-mundo/>. Acesso em: 28 de março de 2022.

GENTIL, Mônica. SOARES, Maria. Crônica e entrevistas: diálogos possíveis com Clarice Lispector. **Letras em Revista**, Teresina, v.11, n.01, p.283-297, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/cater/Downloads/347-1-1019-1-10-20210427%20(1).pdf. Acesso em: 04 de maio de 2022.

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice, Uma Vida que se Conta**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LIMA, Patrícia. Servidão e Superação: Um estudo acerca da presença da empregada doméstica na obra de Clarice Lispector. **Revista de Letras**. Vitória da Conquista. v.12, n.2, p.202-214, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/7439/5562>. Acesso em: 04 de junho de 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

NEIVA, E. **A Metalinguagem nas Inquietações Cronísticas de Clarice Lispector 1999-2010**. Monografia – Faculdade de Comunicação Social/Jornalismo. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bahia, p. 7-86. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/neiva-erica-a-metalinguagem-nas-inquietacoes.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2022.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

NUNES, Benedito. **O mundo de Clarice Lispector**. Manaus, 1966.

PINHEIRO, Amanda Oliveira. **A construção do autobiográfico nas crônicas de Clarice Lispector no Jornal do Brasil**. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

SÁ, Jorge. **A Crônica**. 2 edição. São Paulo: Ática. Col. Princípios, 1985.

SARTRE, J. **Que é Literatura?** São Paulo: Editora Ática, 1989.

TERRAZAS, Carolina. Poéticas da náusea em Clarice Lispector. **Olhos d'água**. São José do Rio Preto, v.7, n.2, p.209-235, 2015. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/309/293>. Acesso em: 30 de março.

WERNECK, Humberto. Clarice Lispector. Portal da crônica brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5886/clarice-lispector>. Acesso em: 28 de maio de 2022.